

Curso Online de Filosofia

OLAVO DE CARVALHO
Aula 119

20 de agosto de 2011

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem vindos.

Antes de começar a aula, eu queria lembrar a vocês que, de dezessete a vinte dois de outubro, vou proferir aqui em Colonial Heights, Virginia, o curso “Raízes da Modernidade”, curso no qual juntarei várias conclusões de investigações que venho fazendo, há muito tempo, sobre algumas constantes que aparecem na origem do que se chama “modernidade”. Essas constantes determinam alguns traços presentes na cultura do Ocidente até hoje, e é onde se encontram algumas causas de fragilidade dessa cultura na sua resistência contra os antagonismos. Não coloquei ainda no *website* o programa do curso, mas devo colocar essa semana.

Na aula de hoje, continuarei com o assunto Descartes. É o assunto que estive estudando durante a semana, e é realmente difícil estar pesquisando alguma coisa e dar aula sobre outra. (Se bem que eu fiz isso durante anos, mas cheguei à conclusão de que, se continuasse, ficaria louco. É melhor juntar as coisas.)

Eu gostaria, hoje, de fornecer alguns subsídios para reforçar o que eu disse na aula passada, baseando-me no fenômeno dos famosos três sonhos que Descartes teve quando estava na Alemanha, no dia dez de novembro de 1619. Os estudiosos do cartesianismo, aqueles que são grandes admiradores de Descartes – como Charles Adam, que fez a grande edição da obra de Descartes, ou Henri Gouhier, ou Gustave Cohen –, tendem a passar muito rapidamente por cima desse fato dos sonhos, porque parece ser um fato que não confere muito bem com a imagem de Descartes como um pensador inteiramente voltado para a razão, para a lógica, e também marcado por uma hostilidade a tudo quanto é ocultismo, misticismo etc. Mas o próprio Descartes afirma que esses sonhos foram decisivos, não só para a sua carreira, mas para toda a formação do seu pensamento filosófico, de modo que nós não temos o direito de ignorar um depoimento tão importante.

Descartes deixou uma narrativa de próprio punho desses sonhos em um caderninho que ele chamou de “Olympica”. Esse caderno foi perdido, mas existem duas transcrições: uma feita por Adrien Baillet, que foi o primeiro grande biógrafo de René Descartes, e uma segunda, feita por Leibniz (Leibniz encontrou esse caderno por ocasião de uma visita a um lugar onde Descartes havia morado, e então transcreveu-o). Nós temos essas duas fontes, e elas mais ou menos conferem. A narrativa dada pelo Baillet é bastante detalhada e permite que possamos ir um pouco além da interpretação que o próprio Descartes deu a esses sonhos (Descartes narra os sonhos e em seguida expõe o seu entendimento sobre eles).

Já no século XX, Maxime Leroy, autor do livro *Descartes, le philosophe au masque*, teve uma idéia absolutamente genial: enviou uma transcrição dos sonhos para o Dr. Freud e pediu uma interpretação. Freud, àquela altura, já estava muito velho e doente, praticamente não trabalhava mais, mas prestou muita atenção a essas cartas e escreveu duas respostas muito gentis e atenciosas.

Ele dizia haver uma dificuldade muito grande para se fazer uma interpretação, por faltar a presença física do paciente – ele precisaria de outros dados que somente o paciente vivo poderia lhe fornecer (a técnica dele tinha sido toda desenvolvida para ser aplicada em uma situação clínica, com o paciente vivo, e não para interpretar documentos históricos). Mas ele fez três observações muito importantes a respeito dos sonhos.

Primeiro ele observa que existem alguns sonhos que são transparentes, que já trazem imediatamente o seu significado – ele os chama de “sonhos que vêm do alto” (“do alto” não quer dizer que é uma revelação divina, mas que vem dos andares superiores da inteligência). Segundo, ele faz duas observações sobre possíveis significados de elementos que aparecem nos sonhos, aos quais nós voltaremos daqui a pouco. De qualquer modo, ele não forneceu uma interpretação completa dos sonhos, mas o Maxime Leroy registra esse episódio no seu livro. Muito mais recentemente, apareceu o livro *The Olympian Dreams*, de John R. Cole, que reconstrói toda a documentação com muito cuidado, de maneira muito meticulosa, e oferece uma interpretação psicanalítica, à qual também voltaremos daqui a pouco. Primeiro, deixem-me contar para vocês como é que foram esses sonhos.

Os três sonhos aconteceram na mesma noite – foi um sono interrompido: ele adormecia, aparecia um sonho, ele acordava, daqui a pouco voltava a dormir e aparecia outro sonho, que se referia ao primeiro, e assim aconteceu por três vezes. No primeiro sonho, Descartes se vê caminhando por uma rua. Há uma tempestade, uma ventania muito forte, que o deixa atemorizado. O vento é tão forte que ele não consegue andar ereto: anda meio curvado, apoiando-se sempre no pé esquerdo – ele sente que o vento o está enfraquecendo, de algum modo, no lado direito, e então apóia-se no pé esquerdo. De repente, ele vê uma escola que identifica como sendo o Colégio La Fleche, onde ele havia estudado com os jesuítas. Lá dentro há uma capela, uma igreja, onde ele quer buscar abrigo. Ele diz: “Vou entrar na igreja e rezar para que Deus me proteja desses perigos”. Mas, na hora em que está caminhando para a igreja, ele vê que passou por uma pessoa, talvez um conhecido, e que se esqueceu de cumprimentá-la. Ele, então, volta para pedir desculpas por não a ter cumprimentado. Na hora em que ele está voltando, o vento fica mais forte ainda, empurrando-o na direção da igreja, e, nesse instante, passa uma outra pessoa, um outro transeunte, que agora chama Descartes pelo nome e diz: “Olhe, eu trouxe um presente para você do sr. fulano de tal (uma pessoa que morava em uma outra cidade). Ele mandou-me entregar um melão para você.” E aí termina o sonho.

Descartes acorda, um pouco assustado com aquilo. Sente que o sonho tem alguma referência aos pecados que ele havia cometido durante a vida e começa a rezar para que Deus o perdoe. Ele não diz que pecados são esses, e o Baillet comenta que, aparentemente, Descartes não tinha tantos pecados assim, mas tinha até levado uma vida bastante decente e até devota. Então, Descartes adormece de novo e tem um segundo sonho – Cole diz não ter sido propriamente um sonho, mas um fenômeno neurológico: Descartes ouve uma explosão e vê que ela [00:10] vem da mesma ventania, da mesma tempestade do sonho anterior. Só que, agora, ele está dentro do quarto e sente que a tempestade não pode atingi-lo, não pode fazer-lhe mal algum. E, no instante em que ele percebe isso, o quarto se ilumina: aparecem várias luzinhas que iluminam o quarto inteiro. Esse foi o segundo sonho.

No terceiro sonho, Descartes está no mesmo quarto e vê, em cima da mesa, uma enciclopédia. No momento em que ele está prestes a tocá-la, a enciclopédia já não é mais a enciclopédia, mas uma antologia de poesias latinas, o *Corpus Poetarum*, onde ele descobre um verso do poeta romano Ausonius, que diz “*quod vitae sectabor iter*” (“que caminho de vida eu devo seguir?”). Mais adiante, ele vê o título de outra poesia *Sic et Non*¹ (Sim e Não), do mesmo poeta, que ele entende

¹ O Olavo diz *Sic et Non*, mas parece que o nome é *Est et Non*

imediatamente como uma referência ao sim e não dos pitagóricos, às oposições pitagóricas entre a verdade e o erro. Em seguida, ele volta a olhar a enciclopédia – o *Corpus Poetarum* transformara-se novamente em uma enciclopédia –, mas esta já não estava tão completa quanto antes. Aí, ele acorda.

Meditando sobre o significado desses sonhos, ele entende o vento como um espírito maligno que o estava perseguindo. Quanto à oferta do melão, entendeu que ele representava a solidão meditativa na qual ele gostaria de viver. Descartes, embora tivesse também um lado sociável, chegando a ser um homem do mundo (conhecia muita gente, recebia amigos etc.), gostava muito da solidão, e gostava também de manter um *low profile*, e de que ninguém soubesse o que ele estava fazendo. Ele até tinha dois lemas: um deles era “Eu caminho mascarado”; o outro era aquele: “Quem bem se escondeu, bem viveu”. Existe uma biografia de Descartes (uma biografia recente), por um autor chamado A. R. Grayling, onde ele busca sondar as causas desse comportamento estranho e misterioso de Descartes, e chega à conclusão de que ele deveria ser um espião da ordem jesuíta que, então, em colaboração com os reis da Espanha, estava tentando re-catolicizar a Europa, mas que, ao mesmo tempo, tinha um conflito com o rei da França. Ele, como agente dos jesuítas e, portanto, da família Habsburgo, que governava a Espanha, tinha razão para ser mal visto na França e, portanto, para se afastar de lá. Ele passou grande parte da sua vida na Holanda – a Holanda era protestante –, e não apenas conviveu com protestantes (teve muitos amigos entre eles), mas, quando teve uma filha, batizou-a na igreja protestante – essa informação é certa: existe o registro do batismo. E parece que ele também se casou com a mãe da menina na igreja protestante. Isso tudo faria parte da sua atividade de espião: infiltrar-se e amoldar-se ao meio protestante para passar informações à ordem jesuíta. Eu não sei se essa teoria é verdadeira e, mesmo que seja, ela não pode influir na interpretação dos sonhos, que foram anteriores à época em que Descartes teria arrumado esse emprego. De qualquer modo, a teoria da espionagem responde a uma pergunta decisiva, que é: do que Descartes viveu? Porque não consta que ele tenha trabalhado, e os bens de família que vendeu eram bastante modestos, ele não pode ter vivido a vida inteira com aquilo. No entanto, ele sempre levou um padrão de vida muito alto, viajando daqui para lá e, com exceção de algum tempo em que esteve ligado ao exército (não como combatente, mas como observador), não consta que ele tenha feito nenhum outro trabalho. Qualquer que seja o caso, isso não vai afetar o nosso entendimento dos sonhos.

Existem muitos livros sobre isso hoje. Os primeiros intérpretes de Descartes, que eram apologistas do cartesianismo, não sabiam exatamente o que fazer com esses sonhos porque, principalmente, Descartes os interpretava como mensagens divinas, e isso era um pouco estranho porque, em outras épocas da vida, ele manifestou extrema hostilidade para com toda atividade mística, esotérica etc. Não sabendo o que fazer com aquilo, esses intérpretes passavam rapidamente por cima desse assunto e seguiam em frente.

A biografia de Descartes, tal como reconstituída pelo Maxime Leroy, é cheia de mistérios e ambigüidades, ao ponto de que a fé católica de Descartes, que é afirmada resolutamente por todos os seus biógrafos e admiradores, não pode, depois do Leroy, ser afirmada com tanta certeza. Há muitos elementos heterodoxos ali dentro e, sobretudo, existe a marca de um indiferentismo religioso temível. Um deles – é incrível como ninguém antes do Leroy tenha percebido isso – é a famosa moral provisória, onde ele diz que, enquanto está colocando tudo em dúvida e procedendo à busca da verdade, agirá como se tais ou quais regras vigentes na sua sociedade fossem certas, ainda quando não o fossem. Isso quer dizer – observa Lery – que Descartes acredita que, para uma boa conduta na vida, não é necessária a verdade; que uma boa conduta pode ser inteiramente baseada num fingimento ou numa crença hipotética. Esse próprio método já fere de tal modo toda a moral

religiosa existente, que ele fala em favor do indiferentismo religioso de Descartes. É curioso: essa leitura é feita pelo Leroy, mas ninguém a tinha feito antes dele.

Voltando aos sonhos, Descartes interpreta-os como mensagens divinas que lhe estavam mostrando o caminho a seguir, o que ele deveria fazer da sua vida. Baseado em teorias psicanalíticas, esse autor, John Cole, diz que o sonho revela a ruptura de Descartes com o seu pai, porque o pai era um juiz de direito e queria muito que Descartes seguisse essa mesma carreira – o sonho marcaria a declaração de independência de Descartes em relação ao pai e, ao mesmo tempo, em relação a toda autoridade existente. Para fazer essa interpretação, ele se baseia, entre outros indícios, no fato de que, no sonho, Descartes sente a fragilidade do seu lado direito (*le côté droit*). Acontece que *droit* é o lado direito mas, ao mesmo tempo, é o direito, a lei. Do mesmo modo, o próprio Dr. Freud, na resposta que deu ao Leroy, diz que, universalmente, o lado esquerdo representa aquilo que é proibido, pecaminoso, errado etc. Então, Descartes, quando anda apoiando-se no pé esquerdo, [00:20] teria rompido não só com a profissão do Direito, mas com a norma do direito de modo geral e teria, portanto, a consciência de estar fazendo algo que segundo essa norma seria errado.

Eu levei muito a sério aquela dica do Dr. Freud de que o sonho de Descartes era (o que ele chamava de) um “sonho vindo do alto”. Tenho de afastar a hipótese de que foi uma revelação divina (logo direi por quê). Levei muito a sério essa sugestão de que foi um “sonho do alto” – um sonho que traz em si o seu próprio significado evidente, não necessitando de interpretação, mas apenas de uma descrição fenomenológica, para que o seu sentido se torne evidente –, e comecei a examinar os sonhos por esse lado. Fazendo isso, vi que, de fato, o sentido deles é auto-evidente, tão logo conectamos os elementos dos sonhos uns com os outros.

John Cole é um autor materialista, moderno, cientificista, e para ele só existem duas hipóteses a respeito do sonho: ou o sonho é uma revelação divina (na qual ele não acredita), ou o sonho é uma espécie de pensamento inconsciente, é uma forma de pensamento que vem numa forma mais ou menos cifrada, de acordo com todos aqueles processos de ocultação e de racionalização que o Dr. Freud foi o primeiro a estudar com algum sucesso. Mas eu lembraria a vocês que, para aqueles que conhecem a doutrina cristã, o Espírito Santo é uma função permanente de Deus, que nem sempre vai nos trazer revelações, mas que sustenta a nossa inteligência. A inteligência humana tem em si uma fonte divina permanente, e o seu mero funcionamento já pressupõe isso: a inteligência humana não pode ser totalmente explicada apenas por meios naturais. Então, é normal que a percepção de certas realidades, de certas verdades fundamentais, nos seja inspirada pelo Espírito Santo, sem a necessidade de uma revelação especial. Quer dizer: não é que o sonho tenha vindo de Deus (não é uma revelação divina, como Descartes diz), mas há algo de um fundamento divino nele, por assim dizer.

A primeira coisa que me pareceu duvidosa na interpretação que Descartes deu ao sonho é que o vento representasse necessariamente um espírito maligno. Afinal de contas, se o vento o atemoriza, e esse temor o impele a ir à igreja, o vento pode ser apenas o temor que a alma tem dos seus próprios pecados (como depois o próprio Descartes confessará ao acordar) e que o impele a buscar a proteção divina. O vento não está fazendo nada de mal a Descartes, mas está apenas sugerindo que ele vá à igreja. Notem bem: o impulso de ir à igreja vem de dentro do próprio Descartes, mas é sugerido por algo que o atemoriza. É o caso de lembrar aquele famoso “*timor Domini principium sapientiae*” (o princípio da sabedoria é o temor a Deus) – o impulso de ir à igreja é sugerido por um temor a uma força superior que move os elementos da natureza e atemoriza o pobre Descartes.

Ora, no instante em que ele está quase entrando na igreja, ele se lembra que deixou de cumprimentar uma pessoa na rua e volta-se para procurá-la. Veja: o homem que está oprimido,

angustiado pelo senso dos seus próprios pecados, que vêm à sua mente graças ao temor que ele tem a um fenômeno natural, de repente se esquece disso e atende a um outro chamado, que é um chamado de ordem puramente mundana, determinado pelo puro respeito humano. Se eu deixei de cumprimentar uma pessoa, isso não pode ser tão importante quanto eu rezar para pedir perdão pelos meus pecados e pedir a proteção de Deus. Isso quer dizer que o impulso interior do próprio Descartes é negado, é encoberto sob o apelo de um dever de polidez mundana.

Neste ponto, o que acontece? O vento, inicialmente, havia apenas sugerido que Descartes fosse à igreja; agora o vento começa a empurrá-lo em direção a ela. É como se o desejo de ir à igreja rezar – que tinha aparecido de dentro do próprio Descartes, como uma tendência espontânea dele e apenas sugerido pelo vento – agora aparecesse sob a forma de um mandamento ou de um comando da autoridade, algo que o impele desde fora. Aquilo que vinha desde dentro, mas cuja voz ele se recusou a ouvir, agora é forçado desde fora – se você não pôde ouvir a voz interior que lhe sugeria ir à igreja rezar, então agora você será obrigado a ir rezar, a coisa vai ser imposta, agora, como uma obrigação disciplinar. E, pela segunda vez, Descartes distrai-se do comando recebido e tem a atenção atraída para uma outra pessoa, que o chama pelo nome.

Notem: se o vento, no começo, apenas sugeria que ele fizesse algo, e agora passou a dar-lhe uma ordem, um comando taxativo, por sua vez o fator de distração também se tornou mais intenso: não é apenas uma pessoa por quem Descartes passou e deixou de cumprimentar; agora, é alguém que o chama pelo nome. O chamamento divino tornou-se mais forte, e, do mesmo modo, o fator de distração tornou-se mais forte. Daí, Descartes cede pela segunda vez e definitivamente. O Dr. Freud diz que o melão não poderia representar de maneira alguma a simples solidão – Descartes aspirava a uma solidão para poder estudar, meditar etc. –, mas representava, decididamente, algum objeto de desejo – com ou sem conotações sexuais –, um objeto de desejo qualquer, alguma coisa que o atraíu.

Nós vemos que Descartes, na sua interpretação, inverte os fatores, e inverte-os de uma maneira inteiramente inverossímil: o que poderia haver de maligno em um vento que o impelia a praticar a ação mais inocente do mundo, que é rezar – que primeiro sugeriu que ele fizesse isso e depois o empurrou para dentro da igreja? Descartes achou que era um elemento maligno porque o estava forçando a fazer algo que, em primeiro lugar, ele queria fazer por conta própria – mas não queria tanto, porque permitiu que uma distração exterior o desviasse do caminho. Para nós, hoje em dia, é muito difícil entender o que um melão podia representar àquela altura, mas, não por coincidência, Descartes havia nascido em uma região que produzia os melhores melões da França, e, em inúmeros exemplos da época, aparece o melão como um símbolo de tudo quanto é mais delicioso na vida. Se Descartes achou que a coisa mais deliciosa na vida era ficar fechado num quarto, sem que ninguém [00:30] o incomodasse, e onde ele tivesse liberdade para dar curso a seus próprios pensamentos, foi exatamente isso o que aconteceu no segundo sonho, onde ele está fechado num quarto, e onde o vento já não pode atingi-lo. Ele tem consciência de que esse vento é o mesmo vento do primeiro sonho. Dentro do quarto aparecem luzes e o quarto se ilumina, ou seja, Descartes rompe com o chamamento do Espírito e se fecha na sua própria mente. Para fazer isso, ele corta o canal com, vamos dizer, o coração – o coração entendido como sede da percepção intuitiva e imediata da verdade. Quando queremos que uma pessoa tome consciência da realidade da sua vida, não dizemos a ela “ouça o seu próprio coração”? Qual é a diferença entre a inteligência cardíaca, por assim dizer, e a inteligência cerebral? A inteligência cerebral é pensada, é criada, é montada pela sua própria inteligência; ao passo que a percepção cardíaca é uma coisa inteiramente espontânea, e que não vem nunca com um impacto muito grande. A percepção do coração é simplesmente o reconhecimento de coisas que você sempre soube, que sempre estiveram aí.

Não deixa de ser interessante que, na mesma semana em que eu estava estudando isso, chegou-me um DVD do Roy Masters. (Roy Masters é um famoso hipnólogo alemão que viveu aqui nos Estados Unidos. Ele se chamava inicialmente Reuben Obermeister, mas, como era um nome muito difícil, ele simplificou para Roy Masters.) Neste DVD ele ensina uma técnica de meditação que consiste em você perceber a circulação do sangue na sua mão direita. Na hora em que você percebe isso, o que acontece? Seus pensamentos desaparecem, e você entra num estado de tranqüilidade em você simplesmente sabe aquilo que sabe. Ele diz: “Faça isso um certo número de vezes e você vai ver que a solução de muitos problemas aparece sozinha, sem você pensar”. Aí não existe aquele elemento de construção forçada, que é típico do pensamento humano. Ao contrário, para entrar nesse estado de calma e de evidência, você precisa deter o impulso consequencialista do pensamento, que vai construindo silogismos e formas e figuras etc. Ou seja, precisa parar aquela conversa, aquela dialética interior – da qual podem nascer grandes idéias, é claro, mas que também pode nos levar ao desespero. Quando paramos de pensar bobagem, vemos que já sabemos muita coisa.

Observem que a interpretação que Descartes dá ao vento é invertida, forçada; ela denota o desejo de romper com esse conhecimento intuitivo e de se fechar dentro da mente construtiva, da mente pensante, do ego pensante. No meu curso “Consciência de Imortalidade” – acho que a maioria aqui assistiu a ele ou tem alguma notícia a respeito –, dividi o eu humano em várias camadas: temos um eu social, um eu biográfico (sua história, a história que você conta para você mesmo) etc., e existe o eu substancial, aquele que você verdadeiramente é. Esse que você verdadeiramente é não é acessível ao seu pensamento, pelo simples fato de que o pensamento é momentâneo, transcorre no tempo (ele supõe o tempo), enquanto o eu substancial é permanente (não é propriamente eterno, mas é imortal: tem um começo, mas não termina). Sendo assim, é claro que a mente humana – o eu biográfico, o eu narrativo – não pode apreender o eu substancial; ele só pode calar-se e deixar que o eu substancial fale – que é exatamente do que se trata no exercício do Roy Masters.

Se, ao despertar, Descartes ficasse calminho e deixasse o sonho falar por si, o significado dele se evidenciaria: você está se desviando do chamamento do espírito em função de meros mundanismos, e este é o seu pecado. Ora, Descartes começa a raciocinar sobre todos os pecados que ele cometeu ao longo da vida, mas não se lembra de ver o pecado que ele acabara de cometer e do qual ele acabara de ser avisado no sonho. Ninguém ali o estava acusando de outra coisa, senão daquilo que ele acabara de fazer. Ocorre uma espécie de traição ao espírito: ele trai o espírito e opta pela mente, pelo eu pensante. Ele se fecha dentro do eu pensante, onde o vento – o espírito – já não pode mais alcançá-lo. Defendido da inspiração do Espírito, agora ele está livre, fechado e protegido dentro da sua própria mente. (Descartes sempre gostou de trabalhar num ambiente fechado e muito aquecido, que ele via como um símbolo da sua própria mente pensante, e é dentro dessa mente pensante que aparecem então as luzes.)

No terceiro sonho, ele entende a enciclopédia como o conjunto, o sistema dos conhecimentos humanos – um sinal da ciência universal pela qual ele poderia alcançar, mediante o simples exercício da faculdade pensante, os princípios universais, as causas fundamentais de todas as coisas e, portanto, os princípios de todas as ciências existentes. (O projeto dele era nada menos que isso.) Então ele vê o *Corpus poetarum* e lê aquele verso de Ausonius. É muito estranho que ele visse nisso uma insinuação do conhecimento universal, uma mensagem divina, porque Ausonius é o poeta mais prosaico que existiu na Antigüidade. Ausonius só falava de coisas da vida cotidiana, da agricultura, das flores, etc. Não há nenhuma profundidade em Ausonius e, sobretudo, não há nada de pitagórico nele.

Mas Descartes, quando vê o título de uma poesia de Ausonius – “Sic et non” (Sim e Não) –, entende isso como a oposição pitagórica da verdade e do erro. Toda essa interpretação me parece bastante forçada, e forçada precisamente pelo intuito do próprio Descartes de se fechar ao conhecimento profundo e intuitivo e construir tudo dentro de sua própria mente. É neste instante que ele decide que tem de negar todo o conhecimento humano e reconstruir tudo desde si mesmo, desde a sua própria mente. Por um lado, ele acreditava numa inspiração divina; por outro lado, quando a inspiração divina aparece, ele a rejeita e escolhe outra coisa, acreditando que ela é inspiração divina. Existe, já aí, uma certa confusão demoníaca – não aquela confusão geral espetacular que aparece em Maquiavel, mas, por assim dizer, é a confusão essencial: é a raiz de todas as confusões. [00:40]

O projeto cartesiano é derrubar todas as ciências e reconstruir tudo pelo simples poder do raciocínio. É disso que se trata. Não se trata de reconstruir tudo, baseado numa inspiração divina que ele teve. Não. A inspiração divina, tal como Descartes a entendeu, somente o coloca no caminho que ele queria, e o caminho consiste em fechar-se na sua mente e reconstruir ali todo o conhecimento humano. A ambição de Descartes era evidentemente substituir-se a toda a tradição aristotélico-escolástica.

Leibniz observou muito bem que Descartes tinha uma profunda vocação de chefe de escola, de líder de uma corrente de pensamento. A ambição dele não era nada mais nada menos do que substituir toda a escolástica, todo o aristotelismo e modificar, inclusive, o ensino religioso, como de fato veio a acontecer. Durante o século XVII, praticamente todos os seminários da França adotaram Descartes como pilar dos seus ensinamentos em lugar da escolástica. Curiosamente, os estudos mais modernos mostram que Descartes devia muito mais à escolástica do que ele desejaria confessar. Quer dizer, ele aprendeu muito com os escolásticos e não colocou nada em dúvida, simplesmente repassou adiante, dizendo que era dele.

Outra coisa extraordinária é o fato de que o argumento fundamental das *Meditações Metafísicas*, como eu já mencionei na outra aula, foi inteiramente copiado de uma peça de Plauto, chamada *O Anfitrião*, onde há exatamente a mesma seqüência da hipótese do gênio maligno. O que é o gênio maligno? Gênio maligno é alguém que semeou perante a mente humana o conjunto de impressões falsas – ou seja, este mundo –, de modo a induzir a mente em erro. O personagem de *O Anfitrião* escapa disso justamente pela descoberta da certeza do *cogito ergo sum*. Garcia Hernandez, no livro *Descartes y Plauto*, mostra que o argumento é exatamente o mesmo e que essa comédia de Plauto estava entre os livros de cabeceira de Descartes, que a leu muitas vezes e sabia aquilo de cor. Descartes não diz que está copiando o argumento; ele coloca aquilo como se fosse invenção de um novo método.

Ora, a invenção desse novo método, inteiramente baseado na independência do ego (o ego que coloca entre parênteses a tradição, o mundo e a própria inspiração divina, na qual entretanto ele se diz basear) é tida como o tiro inaugural da Modernidade. Essa descoberta do eu teria sido o grande passo que inaugura toda a seqüência de pensamentos modernos que vai de Descartes até Edmund Husserl – ou seja, toda a tradição do idealismo subjetivo moderno. Mas como tudo isso, que era tão típico da modernidade, podia estar numa peça escrita duzentos anos antes de Cristo? Então, toda a nossa visão da história parece estar um pouco disforme, porque coloca a descoberta do eu como o passo fundamental que inaugura a Modernidade, quando isso já estava dado em Plauto, e depois estava dado, já no século IV da Era Cristã, em Santo Agostinho. Ou seja, a Modernidade não é tão moderna assim.

Pareceu-me também característico o fator, já mencionado na outra aula, de que, no *Tratado do Mundo*, onde Descartes expõe pela primeira vez suas concepções científicas (claro, ele tinha feito muitos trabalhos científicos isolados, inclusive o mais notável, *A Fundação da Geometria Analítica* – nisso aí ele era realmente bom), ele não tenta explicar como o mundo foi criado e construído por Deus, mas como Deus construiria, agora, um outro mundo, se Ele simplesmente encontrasse os materiais para fazer isso no cosmos. O mundo inteiro descrito no *Tratado do Mundo* é um mundo artificial e hipotético, construído inteiramente na cabeça de Descartes – e é construído exatamente como uma máquina, onde tudo funciona movido por impulsos mecânicos, onde não existe lugar para a alma, senão concebida como puro raciocínio.

Há uma passagem num livro do Alain (Émile-Auguste Chartier) [que sinceramente não me lembro qual livro foi, nem qual é a fonte em que Alain se baseia para isso, porque as obras dele são três volumes de mil e duzentas páginas cada um, mas ainda vou achar. Quem achar, por favor, me informe] onde ele diz que Descartes olhava pela janela, via as pessoas andando na rua e tinha a impressão de que eram bonecos mecânicos, de que não eram seres humanos dotados de uma alma. Isso quer dizer que a concepção mecânica que ele cria do mundo é toda inventada na sua cabeça, e ele não afirma que este é o mundo real – nem afirma e nem nega. Ele diz apenas que, se Deus fosse fazer o mundo agora, Ele faria assim, assim e assado. Quer dizer, ele está oferecendo um projeto de universo para Deus. Está não apenas refazendo a filosofia, refazendo a teologia, refazendo todo o conhecimento, mas está refazendo o próprio mundo a partir da sua cabeça. Não é preciso dizer que toda essa concepção foi totalmente desmoralizada com o tempo – acho que já não existe nenhum mecanicista no mundo, e, sobretudo depois da física quântica, não é mais possível ser mecanicista. Mas, na época, aquilo impressionou muito, fez um grande sucesso, e, durante mais ou menos dois séculos, pode-se dizer que o mecanicismo, reforçado pela contribuição de Newton e Galileu, torna-se a filosofia dominante no mundo.

Percebam que existem aqui vários elementos perturbadores. Primeiro: o passo inicial da Modernidade foi copiado de um autor do século II a.C., havendo então um salto cronológico enorme. Restaria nós explicarmos o que essa descoberta do eu pode ter de propriamente moderno, se ela já estava dada. Acontece que ela estava dada num contexto em que esse eu não tinha essa imensa capacidade construtiva que Descartes lhe atribui – porque, com ele, o eu se torna a única fonte do conhecimento. Tudo o que Descartes faz é sempre montado através de raciocínios. Spinoza – um dos discípulos e, ao mesmo tempo, antagonistas de Descartes – chegará a negar totalmente a validade do conhecimento por experiência: só interessa o conhecimento que é construído mentalmente. Ele dá o exemplo da geometria, onde o conhecimento das figuras consiste em saber construí-las. Por exemplo, você pega um segmento de reta, marca um ponto qualquer, toma este ponto como centro de um círculo, daí imagina um semicírculo girando, e daí você constrói uma esfera. Você entende uma esfera porque você é capaz de construí-la mentalmente. Para Spinoza, somente esse tipo de conhecimento, que é a pura construção mental, [00:50] tem validade. Descartes não chega a esse extremo de negar o conhecimento por experiência – ao contrário, ele se dedica a muitas observações diretas da natureza –, mas, no fim das contas, o fator decisivo é a construção mental.

Essas duas obras fundamentais, que são as *Meditações de Filosofia Primeira* e o *Tratado do Mundo*, nos aparecem sob um aspecto extremamente inquietante. O primeiro, como um plágio, e um plágio extemporâneo, anacrônico, onde a descoberta da certeza do eu por si mesmo é deslocada do ano 200 a.C. para o século XVII, tornando-se então a grande novidade histórica que inaugura a Modernidade. No outro livro, onde aparece a expressão da ciência cartesiana – não da filosofia cartesiana apenas, mas da filosofia científica cartesiana, a sua noção do mundo –, ela nos é apresentada inteiramente como uma construção hipotética que não tem satisfações a prestar à

realidade, mas que se fundamenta apenas na sua própria coerência interna de tipo mais ou menos maquinal.

Assim descrito, o mundo cartesiano assume para nós a figura de um delírio esquizofrênico que é colado nos seus pedaços, que se mantém íntegro, apenas pela força da coerência lógica. Mas existem muitos delírios esquizofrênicos que são inteiramente lógicos. Então, a apologia da razão, do conhecimento sério etc. começa a nos parecer um disfarce, uma camuflagem de uma coisa completamente diferente que se parece mais com aquele mundo louco de Nicolau Maquiavel do que com qualquer outra coisa. Maquiavel também era um construtor de mundos – ele constrói até a Terceira Roma, que é um projeto explícito de Estado mundial, onde o Estado tem o controle de tudo o que acontece, e nem mesmo os funcionários do próprio Estado têm alguma autonomia, porque há um sistema de fiscalização interna onde funcionários estão sempre apavorados uns com os outros e com medo de perder o emprego. A máquina do Estado predomina sobre qualquer poder pessoal, sobre qualquer poder humano. Há uma certa semelhança entre a Terceira Roma e o mundo do Descartes. (Aliás, o livro é conhecido como *O Mundo do Senhor Descartes* – quer dizer, não é este mundo, é o mundo do Descartes, é um outro mundo.)

Esses elementos que estou expondo ajudam a reforçar aquela tese que eu expliquei na apostila “Consciência e Estranhamento”, na qual eu me pergunto por que o indivíduo desejaria colocar tudo em dúvida, quando nós sabemos que, pela própria natureza das coisas, qualquer dúvida que você coloque se apóia em certezas. Se você não tem certeza nenhuma, você também não consegue ter dúvida – você simplesmente fica paralisado. A própria formulação da dúvida exige que você tome alguma coisa como certa – no mínimo, no mínimo, a presença dos próprios elementos que compõem a dúvida. Ou seja, antes de você ter a certeza do ego, você precisa ter a certeza de que os elementos que compõem a sua dúvida existem, porque, se não, não será uma dúvida de maneira alguma, será apenas uma pergunta idiota. E eu vejo ali que existe um mecanismo natural da dúvida, que é o de um espaço vazio a ser preenchido, mas que, aparentemente, pode ser preenchido com um sim e com um não – você não é capaz de se fixar nem no sim, nem no não.

Também me parece estranho que o próprio Descartes, ao analisar o sonho e ao ler o título “Sic et non”, não visse ali, imediatamente, o sinal da dúvida. Ele viu simplesmente a verdade e o erro, quando na verdade uma dúvida se compõe de um sim e de um não simultâneos que não se anulam um ao outro. Onde ele viu o sinal do conhecimento universal, eu veria já a insinuação da dúvida universal, porque o conhecimento universal não é constituído de sim e não, ele é constituído de sim – o não é exatamente o que está excluído. Já dizia Parmênides: “O ser é e o não-ser não é”, ou seja, não há um conhecimento do não-ser.

A dúvida aparece no processo normal do conhecimento humano como uma falha parcial a ser preenchida. É sempre assim. Não há em parte alguma o menor sinal de uma dúvida universal. Primeiro eu demonstrei, no estudo *Descartes e a Psicologia da Dúvida*, que a dúvida cartesiana é impossível, não pode ser praticada na realidade, embora ela possa ser falada. Há uma confusão ali entre gramática e lógica: há frases que você pode dizer, mas que não podem corresponder a nada – você pode enunciar certas coisas impossíveis de fazer. Posso dizer: “Estou aqui mas não estou aqui”. Acabei de dizer isso. Posso dizer, mas não posso fazer isso que estou falando. Portanto é uma possibilidade que está dada na gramática. “A gramática”, como dizia Dante, “é apenas a forma material do pensamento”. Ou seja, você pode dar uma forma material, mas ele não vai ter conteúdo algum.

No estudo “Consciência e Estranhamento”, pergunto-me por que alguém desejaria formular uma dúvida universal, se é uma coisa impossível e totalmente desnecessária. A idéia da dúvida universal

só pode ter surgido em função de um profundo estado de incerteza. Esse estado de incerteza surge exatamente no instante em que a mente torna-se independente do conhecimento cardíaco, por assim dizer, que lhe dá a certeza imediata, inclusive a própria certeza da existência do ego. Afinal, antes de você colocar a dúvida universal, você já não sabia que você existia? Como é possível que essa certeza da existência do ego apareça como uma etapa de um longo raciocínio, se ela já é o pressuposto de toda a investigação que se está fazendo? Se o sujeito não estivesse seguro de sua existência, então também não poderia ter dúvida alguma. Ou seja, a existência é a condição para que se tenha a dúvida. Portanto, o “penso, logo existo” é apenas o trajeto feito ao contrário: na verdade partimos da existência para o pensamento, e não o contrário.

Esse estado de incerteza – que não é uma dúvida universal, mas apenas uma incerteza muito grande – é precisamente o estado em que Descartes se encontra no começo do seu primeiro sonho, onde ele está totalmente incerto e mal consegue andar, tendo de apoiar-se no pé esquerdo, porque o direito está falhando. Tente imaginar um símbolo mais evidente da insegurança – você não encontrará. O indivíduo não está seguro do chão que está embaixo de seus pés. Em resposta [01:00] a essa incerteza, Descartes decide criar uma dúvida hiperbólica, ou seja, fazer um tratamento homeopático da dúvida. “Já que estou incerto, vou parar para pensar o que aconteceria se eu estivesse incerto sobre tudo.” Mas isso é apenas uma hipótese, ele não está incerto sobre tudo – está incerto apenas sobre aquela pergunta do Ausonius: “Que caminho de vida eu devo seguir?”, ou seja, devo ir para igreja ou devo voltar para pedir desculpas para esse cidadão que eu esqueci de cumprimentar? Devo atender ao chamamento do espírito ou devo cuidar de interesses outros que são exclusivamente meus e de ordem mundana? Essa é a verdadeira dúvida de Descartes. Pode ser que também esteja presente o elemento da ruptura com o pai e do abandono da profissão de advogado, mas certamente não é o elemento decisivo. O elemento decisivo é de ordem moral, é uma dúvida de ordem moral: eu sigo a mensagem divina, o apelo divino que me chega de duas fontes – de dentro e de fora, do meu coração (o impulso de ir à igreja rezar) e através da disciplina, do comando da autoridade externa –, ou sigo simplesmente o movimento da minha mente, a minha própria associação de idéias?

Notem bem: o que ele faz quando, em vez de entrar na igreja, vai atrás da pessoa que ele não cumprimentou? Não ter cumprimentado a pessoa foi apenas um pensamento que ele teve, foi ele que pensou isso. Então ele tem um conhecimento que lhe chega sem necessidade de pensamento, que lhe vem espontaneamente desde dentro e desde fora ao mesmo tempo, e ele tem um outro caminho, que é mental, que ele constrói como hipótese: “Por que não cumprimentei aquele cara? Vou lá pedir desculpas.” Quando ele encontra a segunda pessoa, essa atração vinda de fora lhe promete um prêmio, algo que ele gosta, que é um melão.

No estudo *Consciência e Estranhamento*, eu mostrei que o verdadeiro problema com que Descartes estava lidando era o problema do gênio mau. Ele estava discutindo com o diabo: o diabo pode me enganar completamente o tempo todo, estou à sua mercê. Descartes decide enfrentar esse diabo, não pelos meios tradicionais – que seria apegando-se à mensagem divina e pedindo a proteção de Deus –, mas por meio do seu pensamento, criando um sistema universal que o defenda contra o erro, contra todos os erros possíveis, eternamente. É claro que isso é impossível, inviável, é apenas um sonho. Vemos essa inversão, em René Descartes, o tempo todo: ele troca o diabo por Deus e, no instante mesmo em que segue a suprema tentação demoníaca – que é a tentação da soberba, de construir um mundo inteiro que seja impenetrável ao erro –, nesse mesmo instante ele acredita que está defendido e protegido contra o diabo, quando na verdade é contra Deus que ele está defendido e protegido. Essa análise dos sonhos reforça a interpretação desenvolvida no *Consciência e Estranhamento*.

Aluno: Nesta semana eu tive uma pequena e amigável sessão de boxe verbal via Facebook com Sílvio Grimaldo sobre a prudência ou não de ler teólogos modernos, dos quais destaco Jacques Maritan, Henri de Lubac, Hans Urs von Balthasar, Chilibeck, Congar, Varignon, Blondel e Carl Runer. A verdade é que eu tenho medo de os ler e absorver alguma possível heterodoxia ou mesmo heresia doutrinal deles. No entanto, não tenho o mesmo medo ao ler autores profanos visivelmente em dissonância comigo, tal como Marx, Lenin, Gramsci, ou mais antigos como Rousseau e Maquiavel. Minha pergunta é: Qual é o método de abordagem de um autor sem medo, mas não é imprudente para se buscar a verdade, ou o senhor tem um conselho a me dar e a outros que tem medo de abrir um livro para não perder a fé.

Olavo: Em primeiro lugar, a seleção dos livros de acordo com a sua ortodoxia católica funcionava no tempo em que a igreja tinha hegemonia cultural. Hoje não funciona mais, absolutamente: você já está exposto a todas as influências possíveis. Quem sai na chuva é para se molhar, nós já saímos na chuva e estamos molhados. Essa precaução, esqueça, isso não funciona. Não adianta você ter lá um *index librorum prohibitorum*, que isso não vai defendê-lo de coisíssima nenhuma. Mesmo em outras épocas esse recurso mostrou-se impotente para deter a influência desses livros. Se todo mundo os está lendo, todo mundo já se contaminou, mas você se fecha para não ler esses livros, então você está usando a política do avestruz. Seus inimigos estão falando mil e uma em volta e você não quer saber o que eles estão falando. Isso aí pode servir para proteger a alma de um garotinho de doze anos, mas, de uma pessoa adulta, realmente não funciona mais.

O que você tem de lembrar é o seguinte: não se meter em briga de cachorro grande, em brigas que você não tem condição de sustentar. Se o método da exclusão dos livros não funciona, a idéia de que todo mundo pode ler e compreender qualquer coisa a qualquer momento é também completamente idiota. Enquanto você não conseguiu apreender a linha mestra do pensamento da humanidade, que é aquilo que os escolásticos diziam ser aquilo que todos em toda parte sempre acreditaram, então é melhor você se abster de livros que só criem problemas.

Um dos objetivos deste curso é levar as pessoas a descobrirem essa linha mestra, aquilo que é simplesmente o pensamento normal humano através dos séculos, aquilo que ninguém jamais no fundo contestou. Por exemplo, lembrem-se daquela apostila *O problema da verdade e a verdade do problema*, onde eu digo que um questionamento radical da verdade jamais foi feito – jamais foi e jamais será feito. Há aí não só uma contradição lógica, mas uma contradição ontológica. Certas contestações da verdade, ou da possibilidade de conhecê-la, são possíveis apenas gramaticalmente – exatamente como nós estávamos mencionando na primeira parte da aula –, são frases que você pode montar, mas não pode pensar no sentido de enxergar, por trás delas, as coisas das quais você está falando. São coisas dizíveis, mas não são pensáveis, e muito menos acreditáveis. Se você quer se ocupar apenas de construir frases, muito bem, faça isso, mas não é o melhor emprego de tempo que existe.

Outra coisa: Na lista que você dá aqui, esses camaradas não [01:10] estão colocados no mesmo nível. Há elementos heréticos ali no Henri de Lubac, mas ao mesmo tempo você encontra diagnósticos de história intelectual absolutamente fantásticos, como no livro *Crise do Humanismo Ateu*. Não vou rejeitar uma verdade que o sujeito disse aqui, só porque ele cometeu um erro lá, isso aí não faz sentido. Noutro dia, por exemplo, elogiei, num programa de televisão, um trabalho que um sujeito fez sobre a corrupção do PT, e daí vieram duzentos avisos dizendo: “Esse camarada é ateu, materialista, ele é a favor da, sei lá, do aborto, liberação das drogas” etc. Mas e daí? O que ele disse de verdade continua sendo verdade. Não vamos depreciar o bem que a pessoa fez em função de algum mal que possa ter feito – isso aí seria uma mentalidade difamatória.

Além disso, a preocupação com a ortodoxia é a última que você deve ter. Veja os dez mandamentos. Onde está dito ali que você tem de ser um ortodoxo o tempo todo? Isso não é um dos dez mandamentos. A patrística grega e latina está cheia de camaradas que foram beatos, até santos, e que eventualmente defenderam idéias erradas. Qual é o problema? Você só vai ser julgado por uma doutrina que você tenha, em que você acredite, se você se tornar um campeão dessa doutrina e difundi-la por toda parte dizendo que esta é a doutrina da Igreja Católica. Daí você é um heresiarca mesmo. Agora, se você está somente pensando, na sua cabeça, ou discutindo com seus amigos, você tem todo o direito de errar, você está buscando a verdade.

A busca da verdade só funciona quando você entra de alma limpa. Isso quer dizer o seguinte: sua relação com Deus é uma relação sincera, você é capaz de se apresentar perante Deus e se confessar (hoje as pessoas não sabem direito o que é confessar, elas acham que é fazer uma listinha de pecados). Você tem de buscar a mais profunda sinceridade que você possa e eliminar todo elemento teatral da sua conduta. Isso é a primeira coisa. Se você não está certo de que fez isso, então não entre em discussões, altas discussões teológicas, nunca. O funcionamento da nossa mente é muito rápido, mas o da nossa personalidade é lento. A mente pode entender qualquer coisa que ela esteja lendo no momento, mas em que medida isso é absorvido e assimilado como verdade no fundo da sua pessoa? Esse é que é o problema. Vale mais a pena você refrear um pouco a sua curiosidade, que é apenas uma agitação mental, em nome da solidez e seriedade da sua busca. Esse é que é o problema, e não o problema do conteúdo ortodoxo ou heterodoxo. Se não nós vamos acabar pensando como Sidney Silveira. Sidney Silveira está ali mandando todo mundo para o inferno – mandou Cornélio Fábio, mandou Dan Scott. É tudo herético! Isso é coisa de maluco, é um sintoma psicótico apenas.

Então, primeiro: o dever de condenar heréticos é somente das pessoas qualificadas e designadas pela Igreja. Você não pode sair carimbando os outros como heréticos por conta própria. Isso é horrível. Segundo: uma acusação de heresia tem de ser baseada no pensamento inteiro do sujeito, para ver se cada idéia está convergindo para aquela finalidade flagrantemente herética, que é a de impor como doutrina católica algo que não é doutrina católica. Fora disso você não pode dizer: “essa idéia é herética”, “aquela idéia é herética”. Não existem “idéias heréticas”; só existem doutrinas heréticas como um todo – e, mesmo assim, a coisa é muito difícil. Não se preocupe, o problema não é saber se os livros que você está lendo são heréticos ou não. O problema é saber se você está fazendo a coisa certa, se você está encaminhando a sua vida intelectual de uma maneira verdadeira, sólida, séria.

A pior coisa é pessoas muito jovens que lêem muito mas não têm experiência da vida para dar respaldo àquilo e, portanto, não sabem do que estão falando. Combinar palavras, combinar idéias, é a coisa mais fácil do mundo. Conhecimento não é isso. Se você está muito interessado no assunto, pense se ele ainda teria alguma importância para você, mesmo que você fosse morrer agora. Se a resposta for “não”, por que você está estudando isso? O estudo é a autocriação de uma personalidade, e a personalidade é a roupagem com que você se apresenta diante de Deus, quem você realmente é. Não são os atos isolados que você fez: você fez esse pecado aqui, essa obra meritória ali. Não, não é assim. Nós pensamos assim porque a nossa mente só consegue pensar uma coisa de cada vez, então nós subdividimos em pecados (como Descartes subdividia problemas muito grandes). Mas Deus não precisa fazer isso, Ele enxerga você inteiro de uma vez. Aliás, você é o que Ele enxerga em você. O problema da sinceridade perante Deus é o problema básico da vida, é o mandamento número um: faça o que fizer, mas não engane a Deus, não tente trapacear. Confie Nele, confie que Ele sabe mais do que você, que ele pode agir sobre você mais que você mesmo e que, de algum modo, Ele já está te refazendo neste mesmo momento. Eu acho que isso é que é o pilar da vida intelectual.

Você pode falar “busca da verdade”, mas o que está entendendo por verdade? É uma idéia, uma doutrina que você vai descobrir? De que adianta uma doutrina verdadeira na mente de um sujeito falso? O sujeito falso vai transformar aquilo em falsidade, vai entender errado. O problema não é se a sua idéia é verdadeira; o problema é se você é verdadeiro. Esse deve ser o critério. Acho que nós devemos buscar uma certa afinidade espontânea com a Igreja na base do amor que nós temos por ela, porque, se você tentar controlar as idéias, uma por uma, você vira o Sidney Silveira, que é a pior coisa que você pode fazer na vida. Não dá para fazer isso. Imagine pegar toda a cultura contemporânea e fazer um Tribunal do Santo Ofício: nós vamos examinar tudo isso, um por um, e vamos dizer o que é herético e o que não é. De quantas pessoas precisaríamos para fazer um negócio desse? E durante quanto tempo? Era também o problema do Orlando Fedelli – o cara ficava ali procurando herético. Onde você procurar heresia, você vai achar: se você procurar na obra de São Tomás de Aquino, você vai achar. Não é que ele tenha cometido heresia, mas certas afirmações dele, tomadas isoladamente, podem parecer, podem soar como heresia. Não pense que tudo o que São Tomás de Aquino escreveu foi aceito imediatamente pela Igreja de braços abertos. Pelo contrário, foi rejeitado, teve muita discussão, e São Tomás de Aquino só foi declarado doutor da Igreja no século dezanove. Você acha que, depois de seis séculos de discussão, alguém de repente disse: “Está aqui o Magistério infalível”. Está biruta? Magistério infalível é o magistério da Igreja, aquilo que está registrado no dogma da igreja, que é uma coisa muito pequena. Só aquilo é o magistério infalível, o resto não é. Nem tudo que um doutor da igreja escreve é Magistério da Igreja.

Aluno: O inconsciente é um conceito rigoroso ou apenas uma figura de linguagem? Muitas vezes, ao ler as obras de Freud, tenho a sensação de que ele usa a idéia de conceito apenas como um subterfúgio para ocultar sua ausência de compreensão de determinados fenômenos e processos psicológicos.

Olavo: A melhor coisa que eu já li a respeito foi um capítulo do *Tratado de Psicologia Geral*, do Maurice Pradines, chamado “Os dois inconscientes”. Ele diz que você nasce com um determinado inconsciente, um conjunto de mecanismos e de circuitos [1:20] que funcionam sem que você tenha o menor controle – quer dizer, você não sabe como respira, como faz digestão, como funciona a sua memória, e, no entanto, tudo isso funciona. Isso é o inconsciente natural. Existe um segundo inconsciente que é, segundo o Dr. Freud, causado pela repressão e, em última análise, causado pela mentira. É a tal da mentira esquecida na qual você ainda acredita. Você cria essas estruturas, elas não são naturais, e elas podem adquirir um grande poder sobre você. Elas podem falsificar tudo, podem falsificar a sua vida inteira! E, depois de um certo ponto, você não tem mais controle do que fez. Você criou um outro personagem e esse outro personagem atua sobre você por meios hipnóticos. Nós não podemos dizer que isso não existe.

Existe um livro do Gérard Mendel, um grande psiquiatra francês, no qual ele diz: “Nós que ficamos aqui no consultório, ao lado do divã, ouvindo essas coisas anos a fio, e às vezes temos a impressão de que por baixo daquela pessoa existe uma outra que está tentando enganá-la. E que você está tentando desmascará-la e não consegue!” Isso pode acontecer. Não que isso exista substantivamente, mas é como um papel que o sujeito incorporou. Quando você incorpora um papel social e começa a agir de acordo com aquelas normas, quando você as introjeta e acredita naquilo, e começa a sentir de acordo com o que o seu cargo ou a sua posição exige, o que é isso? Isso é um processo auto-hipnótico, evidentemente.

O inconsciente existe por esses meios. Não se pode dizer que ele não existe e não se pode dizer que ele seja uma substância. Ele é um papel que o indivíduo representa. Aliás, são muitos papéis que

nós representamos, e nós não temos controle de todos eles. Isso só pode ser controlado, mais ou menos, pelo método da confissão, no qual você assume um papel como seu por toda a eternidade; você assume aquilo perante a morte. Isso lhe garante um pouco contra os outros papéis que você assume – inclusive outros que você assumiu quando tinha quatro ou cinco anos e que você não se lembra mais.

A prova de que isso existe é o fenômeno que tantos estudiosos e psicoterapeutas já estudaram sob mil ângulos, o fenômeno do ressentimento permanente – isto é, o ressentimento que você tem contra coisas que aconteceram quando você tinha três, quatro anos. Aquilo está lá, é permanente e interfere nos seus pensamentos. E, no entanto, você não sabe de onde saiu, não é capaz de julgá-lo criticamente e nem de se libertar dele. Então, não podemos dizer que aquilo não existe.

Agora, também reconheço que muitas vezes os psicanalistas tratam o inconsciente como se ele fosse realmente uma outra pessoa por trás da pessoa, como se fosse um ente substancial. Por outro lado, eu escrevi há muitos anos que eu não acredito que existe um inconsciente pessoal (“você tem um inconsciente”). Não, a coisa não é assim. O inconsciente, por definição, se compõe de elementos que não são seus – que vêm da influência familiar, da linguagem, do meio social –, e que foram se incorporando em você sem que você tivesse nenhum controle. Nesse sentido só existe inconsciente coletivo, não um inconsciente pessoal que eu carrego comigo. De fato, isso substancialmente não existe. O que existe é a impossibilidade de você controlar todos os elementos que foram incorporados à sua personalidade, à sua memória etc., e que você não sabe nem de onde vieram.

É como aquele famoso teste que eu sempre faço. Quando o sujeito emite uma opinião, eu pergunto: de onde você tirou essa idéia? Não estou falando de um complexo inconsciente nem nada, estou falando de uma simples crença que o sujeito tem. Ele não sabe de onde saiu aquilo! Você não tem controle nem daquelas partes nas quais você confia e com as quais você lida com relativa segurança. Não é possível haver um controle consciente de tudo isso. Se não houvesse, no fundo de nós, uma capacidade cognitiva mais fundamental, mais permanente, nós nos perderíamos completamente. É justamente essa capacidade cognitiva mais fundamental a que você tem acesso quando pára esse jogo mental e decide simplesmente aceitar o que você já sabe. Isso não é uma forma de pensamento, é um conhecimento sem pensamento. Isso aí funciona, e é somente graças a isso que nós não ficamos loucos. É por isso que esse negócio do Roy Masters funciona. Ele diz: “Eu não preciso dar a solução do seu problema, você sabe a solução. Então, pare com essa agitação mental, que você vai ver que sozinha ela aparece.” Este ato de cultivar o reconhecimento do que você já sabe, de aceitar o que você já sabe, é a cura de todos esses negócios. Fazer vinte anos de análise não adianta nada. Quanto mais você faz análise, mais pensa. E às vezes não é questão de pensar, é apenas questão de reconhecer uma coisa que você já sabia.

O próprio estudo é, às vezes, uma maneira de se complicar a vida. Quando você percebe que a atividade da sua mente está indo muito adiante da sua verdadeira consciência, isto é uma pura agitação mental. Isso aí faz mal... É por isso que neste curso eu uso o método lento. Vocês vão compreender parte por parte, não é preciso ler quinhentos livros de uma vez, vão devagar. E sigam o conselho de Aristóteles: estudem três horas por dia e ponto. Se você conseguir estudar três horas por dia, você é um gênio. Eu não passo de três horas por dia, nunca. Chego lá no escritório, arrumo os livros, faço a faxina, converso um pouco, respondo os e-mails... No fim, quanto sobrou disso tudo? Nem três horas.

Aluno: Existe um fenômeno muito interessante no Direito, que percebo hoje em dia. A atividade jurídica, isto é, o trabalho dos juristas, advogados, juízes, promotores etc., limita-se a ser uma

atividade que lida com textos, mais ou menos da mesma forma que o Giannotti diz ocorrer com a Filosofia. Recentemente, participei de um congresso de Direito Minerário, e o que me chamou atenção foi justamente o fato de que os advogados reclamavam da ausência de legislação sobre o tema. Houve, em outros casos, da circunstância da legislação existente ser lacônica, lacunosa etc. Isso os deixava bastante embaraçados, e eles diziam, grosso modo, assim: “Sem os textos legais, onde é que vamos nos apoiar para formular as soluções que nos são pedidas?”

Olavo: Bom, esse é o princípio da equidade! Você julga por equidade quando não há uma legislação, quando ela é omissa ou quando é demasiado lacônica, sibilina. Então, o juiz tem de usar o seu bom senso, seu senso de justiça, e decidir o que for necessário. O juiz deveria agradecer que existe essa margem de decisão, em vez de pedir que haja uma lei para tudo. Se houvesse lei para tudo, de fato, toda atividade se reduziria a uma espécie de magistério do Sidney Silveira: comparar textos – esse texto diz isso, aquele diz aquilo, vamos ver se combina... Isso aí é uma atividade mecânica do cérebro humano. Na verdade, tem a interpretação do texto: se você não sabe a que o texto se refere, você nunca vai entendê-lo, vai entender apenas a esquemática formal dele. Na comparação de dois textos existem quatro elementos: o texto, o outro texto, você e a situação. É como na antiga retórica, os quatro pontos da antiga retórica. Não há como escapar disso. A realidade é um mediador entre os textos, ela é soberana: os textos estão dentro dela, fazem parte dela, são aspectos dela, e não adianta você esperar que o texto abarque tudo.

Essa expectativa alimenta um dos maiores escândalos do mundo moderno, que é a existência de um poder legislativo permanente. Aqui nos Estados Unidos há quatrocentos e trinta e cinco deputados e mais uma centena de senadores fazendo leis o tempo todo! São centenas de pessoas fazendo leis, como é que eu posso acompanhar todas as leis que eles estão fazendo? Não posso. Aquele famoso princípio de que ninguém pode alegar ignorância da lei se transformou num contra-senso! Ninguém pode alegar conhecimento da lei. [1:30] Alguém me disse que no Brasil só de leis que regulamentam o orçamento federal são mais de cinco mil. Quem conhece as cinco mil? Ninguém; ninguém sabe qual é a lei que rege o orçamento federal. Então, alegar conhecimento da lei é que se tornou absolutamente inviável. Você sempre pode estar fora da lei, cometendo algum delito... E, pior, isto é calculado para ser assim mesmo, de modo a você criminalizar toda a população *a priori*. Daí, como todos são criminosos, eles escolhem quais vão punir, e escolhem conforme as conveniências do governo naquele instante.

A lei e a própria estrutura da democracia se transformou numa empulhação, numa vigarice e numa coisa absolutamente inaceitável. Eu não sou uma pessoa de propor mundos, mas não é um problema de um mundo melhor. O problema é que a existência de um sistema legislativo permanente se transformou numa coisa terrífica. Eles inventam uma norma que eu não estou sabendo e, no entanto, ela me obriga. Isso é o mesmo que você se colocar totalmente a mercê dessas pessoas, que farão com você o que elas quiserem. Uma lei, para entrar em vigência, basta ser publicada no Diário Oficial. Vocês já viram o tamanho do Diário Oficial? E pensar que aquilo sai todo dia! Todo cidadão tem de ler o Diário Oficial da União, dos estados e dos municípios todo dia, para não correr o risco de ficar fora da lei. Quem não vê que isso viola os próprios princípios do Direito e que viola a estrutura da realidade? Porém, isso é alimentado por pessoas que gostariam de reduzir tudo a uma comparação de textos. Elas precisam de mais textos e mais leis que prevejam todas as possibilidades e coloquem todas as atividades humanas sob o controle da administração estatal. Ou seja, a perfeição da democracia coincide com a perfeição da ditadura! Mas os juristas romanos já diziam isso: “*Summum jus, summa injuria*”, o direito perfeito seria a perfeita injustiça. E é o que esses camaradas estão querendo. Isso é um estado psicótico e, no entanto, são essas pessoas que decidem o nosso destino. Mas até quando?

Aluno: Seria exato dizer que ateísmo é uma espécie de religião?

Olavo: Bom, há aí um problema. Eu acho que isso é uma figura de linguagem, não é uma coisa muito exata, porque o ateísmo não implica criar um conjunto de doutrinas. Às vezes o ateísmo é a simples recusa de crer. Porém, quando o sujeito passa para o ateísmo militante a recusa de crer não basta, ele tem de fundamentá-la para defender a sua posição. E, então, ele acaba dando uma estrutura mais ou menos teológica para aquilo. O ateísmo em si não é uma religião, mas ele pode virar uma em certas circunstâncias; pode virar um corpo de crenças que se impõe às pessoas como obrigatória, e condena como imorais e malignos todos aqueles que não as seguem. É possível. Eu não diria que o ateísmo é uma religião, mas ele se torna uma espécie de teologia.

Aluno: Essa coisa de criar um mundo, ou seja, fugir da contemplação solar do objeto para criar um objeto conforme o sujeito, é o pecado?

Olavo: Este não é o pecado em geral, mas é o pecado original. Veja que na Bíblia, quando Deus proíbe que Adão e Eva toquem na árvore do conhecimento do bem e do mal, o conhecimento do bem e do mal que está naquela árvore não é o conhecimento humano, mas é o conhecimento divino. E o conhecimento divino não conhece o bem e o mal como nós conhecemos, quer dizer, como objetos. Deus conhece por determinação – Ele determina o que é o certo e o errado –, ao passo que nós não criamos as determinações de certo e errado, nós não criamos os Dez Mandamentos. Quando a serpente promete que eles serão como deuses, é isso que ela está querendo dizer! A Bíblia é um desses textos que não precisam ser interpretados, porque dizem para você o que é. Essa mania de querer interpretar e querer achar profundidade é uma doença também. O texto do Gênesis é muito claro! É só você lê-lo com aquela máxima literalidade que você pode ter e com uma certa ingenuidade, sem querer adivinhar um sentido por trás. O que interessa é o sentido que está sendo mostrado para você. Quem colocou a árvore lá? Foi o próprio Deus. Então, que conhecimento ele colocou lá? O conhecimento dele e não o seu, pois Adão e Eva não tinham nenhum conhecimento do bem e do mal, quem tinha era Deus. Então, só pode ser o conhecimento dele. Se eles comerem daquele fruto, eles serão como deuses; ou seja, eles passarão a determinar o bem e o mal. Agora, se você não entende isso, que é uma interpretação óbvia, então você pode começar a conjecturar que Adão e Eva eram dois idiotas, que não sabiam coisa nenhuma e que a serpente foi lá e abriu a inteligência deles – a interpretação gnóstica. Então, se a serpente abriu a inteligência deles, é o caso de perguntar: Mas o que Deus podia ter contra isso? Por incrível que pareça, tem muita gente que se diz cristã que pensa assim, que faz essa interpretação gnóstica. “Ah, é o conhecimento é proibido.” Mas nenhum conhecimento é proibido! Não há nada que a mente humana não possa sondar e desejar conhecer. Mas o conhecimento divino você não pode ter, porque isso seria apropriação indébita. E o conhecimento divino não consiste em observar coisas e tirar conclusões. Imagina se Deus tem que ficar observando, fazer teste experimental e chegar a uma conclusão. Ele não precisa fazer nada disso!

Quando Deus disse “faça-se a luz”, o que aconteceu? A luz apareceu imediatamente. O que Deus pensa é realidade, Deus não pensa idéias. Ele está pensando *nós* neste mesmo momento. O que ele pensa é a realidade: ou nesse plano, ou num outro plano qualquer ao qual nós não temos acesso neste momento, mas que é realidade! Foi isto que a serpente prometeu: vocês comerão o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e serão como Deus; o que você pensar, se tornará realidade. Então, isso de querer criar um mundo não é um pecado em geral, mas é o pecado original; é querer ser como Deus, de tal modo que o seu pensamento passe a ser realidade.

Experimente o exercício do Roy Masters e você verá que quase tudo que você pensa é besteira. Você vive o tempo todo numa rede, numa trama de pensamentos que são discursos de acusação e

defesa, tentações e temor de cair em tentação, inveja de uma pessoa que você acha superior e argumentação para provar que o superior é você. É só besteira, meu Deus do céu! E as pessoas chamam isso de consciência religiosa, de moral religiosa. Eu acho que ficar meditando sobre meus pecados é uma perda de tempo. Os meus pecados são tão numerosos que, se eu tentasse fazer a lista, eu não faria outra coisa. A Igreja ensina que a sua confissão deve ser sumária. Você não vai avaliar os seus pecados um por um; você vai dizer apenas o nome genérico, porque você sabe no fundo quais são eles. Deus também sabe. Então é aquela comunicação muda. Eu não vou dizer tudo, mas Deus sabe do que estou falando. [1:40] O padre é como se fosse a estação de rádio que está transmitindo, a função dele é essa. Não é ele que vai compreender os seus pecados, nem que vai perdoá-los. Na hora da confissão você está falando com Deus, não com o padre, e Deus o entende melhor que você mesmo. Então para que você precisa dar a lista inteira? Eu acho que nem o Padre Pio, que adivinhava os pecados das pessoas, dizia todos. Ele dava uma lista sumária, senão teria de escrever um romance. Teria de escrever a *Comédia Humana* de Balzac para cada pecador que chegasse lá! Ele dizia: seus pecados são estes daqui. É o sumário dos seus pecados e não o relato de cada um. Um único pecado é acompanhado de muitos outros. Você não faz uma coisa ruim sem você pensar muitas coisas ruins. Se você relatar todos os aspectos malignos que compuseram aquilo, não terminará mais! Ao pensar muito nos seus pecados você fará como Descartes. Você acabou de fazer um que é o pior de todos: o pecado contra o Espírito Santo, virar as costas para o Espírito Santo. Claro que Descartes não pode ser totalmente culpado por isso, porque ele não percebeu o que fez. Ele não teve a intenção de se voltar contra o Espírito Santo, fez apenas um ato de inconsciência. Isso aí é grave, muito mais grave do que qualquer outra coisa que ele possa ter feito ao longo da vida, mas nesse ele não pensa, ele fica pensando nos outros, que são completamente extemporâneos à situação.

Aquele ditado que diz que de pensar morreu um burro é a coisa mais certa. Quanto mais o sujeito pensa, mais besteira faz. Você não tem de pensar tanto! Pensar é só para você preencher, com a parte construtiva da sua mente, elementos faltantes da sua experiência. O resto não é questão de pensar, é questão de confessar. E nem precisa confessar em voz alta, é só ficar quietinho e admitir.

Aluno: Partindo da orientação que o senhor deu para o Grupo de Estudos Estratégicos, reiniciaremos nossa empreitada para mapear as estratégias políticas no mundo. (...)

Olavo: Espero que todos tenham ouvido essa gravação que eu fiz e coloquei no site do Seminário.

Aluno: Seguem as novas atividades e as sugestões de mensagens para ser lidas na aula pelos alunos do COF. Para quem ainda não assistiu, o vídeo está disponibilizado na página do Seminário de Filosofia com o título de “Orientação para o grupo de estudos estratégicos”. As orientações para quem já está no grupo são as seguintes: 1) Assistir ao vídeo das orientações. 2) O Jayme Neto, que é o coordenador, vai enviar uma lista com todos os membros que estão inscritos no Google groups e pedirá uma confirmação para aqueles que quiserem continuar. Relembrando o que foi dito no vídeo, nós precisamos ser sérios, a formação de uma camada intelectual é uma coisa que exige não uma disciplina formal, mas uma disciplina interior muito grande. (...)

Olavo: Essa disciplina consiste numa só coisa, que é a sua sinceridade perante Deus. É só isso. Aí Santo Agostinho matou a charada de uma vez por todas. Não é algo complicado. É uma fidelidade a uma continuidade.

Aluno: 3) Assistir aos vídeos do Olavo que serão disponibilizados no Seminário de Filosofia. (...)

Olavo: Sim, ele quer dizer os cursos presenciais que foram gravados.

Aluno: 3.1) Os cursos deverão ser assistidos no prazo de quinze dias e caso haja alguma impossibilidade com relação ao tempo, as pessoas devem me comunicar (comunicar ao Jayme) quando poderão assistir. Isso será feito em vista do pedido do Professor Olavo para que todos estejam no mesmo ritmo em relação aos cursos. (...)

Olavo: Todos os membros dos Grupos de Estudos Estratégico, não todo mundo, pois tem gente que está entrando agora no curso.

Aluno: 3.2) O Jayme pede uma confirmação de todos os membros após assistirem às aulas e lerem a transcrição. 4) Os cursos consistirão em todo o material de Filosofia Política que está nas páginas do seminário. (...)

Olavo: Tanto o curso de Filosofia Política que eu dei aqui nos EUA quanto os cursos que eu dei no Paraná são indispensáveis para os membros do Grupo de Estudos Estratégicos. Os conceitos fundamentais estão dados lá.

Aluno: Assim, os membros do grupo devem estar atualizados com o Seminário de filosofia. O novo website deve ficar pronto na próxima semana e estão sendo providenciados login e senha para todos os membros do Núcleo de Estudos Estratégicos. Ademais, as apresentações dos livros serão suspensas porque nos dedicaremos ao enriquecimento teórico, conceitual e metodológico na primeira etapa.

Olavo: Muito bom. Parem um pouco as apresentações e façam a absorção desse material, sobretudo dos cursos de Filosofia Política. No curso que dei aqui nos EUA eu corrigi e acrescentei algumas coisas em relação aos cursos do Paraná. Mas acredito que os cursos do Paraná ainda são válidos.

Acho que hoje já passamos do horário. Muito obrigado a todos e até a semana que vem.

Transcrição realizada por: Jesimiel Souza Gouveia, Jussara Reis de Abreu, Gabriela Marotta Vidigal, Ion Jardim.

Revisão realizada por: Marcela Andrade, Mariana Belmonte.